

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Os contos infantis como estratégia Pedagógica

Isabel Maria Nunes de Sousa Gouveia

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por Mestre Maria Celeste Ribeiro

Fevereiro de 2016

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Os contos infantis como estratégia Pedagógica

Isabel Maria Nunes de Sousa Gouveia

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por Mestre Maria Celeste Ribeiro

Fevereiro de 2016

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica, outra ética... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos acham que tem cara de aula porque se tiver deixa de ser literatura.

Fanny Abramovich.

Agradecimentos

Muitas são as etapas pelas quais passamos ao longo da nossa vida, contribuindo todas elas para o nosso crescimento.

A obtenção deste grau académico assume-se como mais uma etapa da minha vida vencida, na qual várias pessoas deram o seu contributo, embora de diferentes modos, alimentando-a através de palavras de incentivo ou de partilha. Sendo assim e, uma vez que terminada, cabe-me a mim deixar aqui o meu profundo agradecimento a todas elas.

Este trabalho é um findar de um longo percurso, que só foi possível com muito esforço, sacrifício e devoção. Agradeço a Deus por me abençoar, ajudando-me sempre nos momentos mais delicados.

Aos meus pais por todo o esforço, pela sua presença, apoio, carinho, compreensão e, especialmente, pela oportunidade que me deram em realizar este meu sonho.

Ao meu marido por todo o companheirismo, suporte e paciência, por todo o incentivo e por assumir esta meta como se fosse sua, pelas palavras de incentivo nos momentos de maior fragilidade, pelos momentos de escuta que me ajudaram a não desistir, pela força demonstrada para que concluísse esta etapa da minha vida e, especialmente, pela compreensão da minha ausência.

À minha filha por suportar as minhas ausências, pela força e ajuda, foste a razão pela qual nunca desisti.

Às minhas colegas, Ângela Sousa, Carla Almeida, Catarina Alçada e Rita Paulino pelo seu companheirismo, e amizade nos bons e maus momentos deste percurso. Fazemos uma boa equipa. Obrigada!

À minha orientadora, Mestre Maria Celeste Ribeiro, pelo seu apoio incondicional, pelas suas palavras de força e incentivo.

Resumo

O presente relatório final teve como base o meu estágio realizado na Prática de Ensino Supervisionada, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Este trabalho teve como principal objetivo compreender como o conto pode ser uma estratégia pedagógica, podendo este ser facilitador de aprendizagem.

Desenvolvi uma investigação qualitativa, recolhendo dados através do registo e reflexão das planificações, através de pesquisa documental e análise das práticas correntes da instituição onde desenvolvi a Prática de Ensino Supervisionada em Jardim-de-Infância.

Da análise dos dados pude concluir que o conto é uma estratégia que o educador pode e deve utilizar nas suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Conto; Estratégia; Aprendizagem

Abstract

This final report was based on my training camp in Supervised Teaching Practice under the Master in Preschool Education.

This study aimed to understand how the story can be a pedagogical strategy, which may be a facilitator of learning.

I developed a qualitative research, collecting data through registration and reflection of the unfolds through desk research and analysis of current practices of the institution where I developed the Supervised Teaching Practice Garden-of-childhood.

Data analysis could conclude that the tale is a strategy that the teacher can and must use in their teaching practices.

Keywords: Tale; Strategy; Learning

Índice

2.1. – Objeto de estudo	4
2. Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)	
2.1. – Objeto de estudo	4
2.2. – Revisão de Literatura.....	4
2.2.1. Literatura Infantil/ O conto.....	4
2.2.2. A importância do conto no Jardim-de-Infância.....	6
2.2.3. Compreender o conto como uma ferramenta Pedagógica.....	10
2.2.4. As OCEPE, a integração de conteúdos e as estratégias de ensino.....	13
2.3.- Opções metodológicas	18
3. - Caracterização Do Contexto Institucional e Comunidade Envolvente	
3.1 – Caraterização da instituição.....	20
3.3 – Regulamento Interno	23
3.4 – Caraterização do meio, das crianças e das suas famílias.....	23
4.-Análise descritiva da instituição em relação à temática estudada.....	24
5.- A Prática de Ensino Supervisionada na Instituição.....	26
6.–Considerações Finais.....	41
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICA.....	43
ANEXOS	
A.I- Autores e resumo dos livros.....	47
A.II- Planificação- O Nascimento de Jesus	48
A.III- Planificação- A lagartinha muito comilona	55
A.IV- Planificação- Vamos à caça do urso	62

1.Introdução

A Educação Pré-Escolar é um espaço privilegiado onde deverão ser lançados desafios que abrirão caminhos rumo ao sucesso da aprendizagem. É, também, nesta fase que se promovem estratégias de aprendizagem para que a criança tenha curiosidade em conhecer o mundo que a rodeia. Segundo Silva (1997, p.15) A educação pré-escolar é uma etapa crucial do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, para o que se requer prestar particular atenção às experiências que nela podem usufruir.

No âmbito do tema escolhido, analisei a minha prática de ensino supervisionada (PES), na valência de jardim-de-infância, numa instituição particular de solidariedade social.

Durante todo o percurso de PES surgiram algumas situações interessantes, possíveis focos de estudo, mas não posso deixar de abordar um tema que me é particularmente fascinante, que é o maravilhoso mundo dos contos infantis e todas as suas potencialidades. Deste modo procurei aprofundar este tema observando as atitudes e o interesse que as crianças deste grupo mostravam em relação às histórias que eu contava em sala. Será que o educador se preocupa com a escolha da história? O educador pensa na história como uma ferramenta pedagógica?

Refletindo sobre tudo isto e a partir destas dúvidas materializou-se o meu objecto de estudo focado nos contos como estratégia pedagógica.

Contar e ler histórias é uma estratégia frequente na Educação-Pré-Escolar e que deve ter como objetivo não só o relaxamento, mas constituir-se como ferramenta de trabalho do educador estimulando a curiosidade e interesse pelas várias áreas de conteúdo presentes nas Orientações Curriculares, proporcionando assim um ambiente agradável e ao mesmo tempo educativo.

Como nos relata Sim-Sim (2008)

“Interagindo verbalmente, as crianças aprendem sobre o mundo físico, social e afectivo, ao mesmo tempo que adquirem e desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintático, pragmático). Porque os ambientes em que as crianças se encontram desempenham um papel marcante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar, é fundamental a criação de oportunidades onde elas possam descrever, discutir, formular hipóteses e sínteses sobre o real que experimentam.” (p.34)

Pretendo com este trabalho perceber o conto como estratégia pedagógica, uma forma alternativa de abordagem aos temas trabalhados em sala, tendo em conta as necessidades do grupo e seguindo as linhas orientadoras do projeto de sala e da instituição. Acredito que a literatura infantil pode facilitar o educador na passagem de conteúdos para as crianças assim como proporcionar-lhes uma aprendizagem mais divertida, além de lhes despertar a curiosidade em conhecer o mundo que as rodeia. Como nos explica Abramovich (1995)

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”(p.16)

Desta maneira foi através de histórias que proporcionei às crianças do grupo, ampliar os seus conhecimentos para que pudessem de uma maneira descontraída aperfeiçoar a sua oralidade, valores, sentimentos, conteúdos matemáticos, os quais ajudarão na sua formação pessoal. Procurarei olhar os contos como um grande valor quando bem utilizados num ambiente pré-escolar.

Este meu relatório foi feito em duas etapas com um longo interregno devido a questões que me são alheias. A minha orientadora deixou de fazer parte do corpo docente da Escola e até ter tido quem a substituísse passaram alguns meses. Este contratempo impediu que eu pudesse ter voltado a recolher dados que teriam tornado mais coerente a sua análise.

No sentido de apresentar o trabalho desenvolvido, o presente relatório encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo destina-se ao enquadramento teórico-metodológico, onde apresento a escolha do tema e a sua justificação, a revisão da literatura, analisando o conto e a estratégia pedagógica na perspetiva de vários autores, e as opções metodológicas.

O segundo capítulo remete para a caracterização da instituição onde foi realizado o estágio, assim como toda a comunidade envolvente. Apresentando ainda as práticas correntes da mesma, à luz do foco deste trabalho.

No terceiro capítulo são descritas as planificações propostas e desenvolvidas durante a prática de ensino supervisionada, bem como uma reflexão das mesmas baseadas na revisão de literatura feita.

No quarto capítulo é apresentado um resumo do trabalho desenvolvido, assim como uma breve reflexão do mesmo.

Por último encontram-se as referências bibliográficas onde constam os autores referenciados ao longo de todo o relatório. Consta ainda neste relatório um conjunto de anexos onde se incluem as planificações, com o objetivo de fundamentar o trabalho apresentado ao longo do mesmo e as já referidas reflexões.

2. Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

2.1. Objeto de estudo

O gosto pelos contos infantis que desde a infância me acompanha levou-me durante o estágio a focá-los como um ponto de interesse para este meu estudo.

Procurar compreender como os contos podem ser uma boa estratégia na promoção de uma abordagem diversificada a conteúdos de diferentes áreas/domínios tornou-se no meu objeto de estudo.

Para poder realizá-lo formulei as seguintes questões de investigação:

- Quais as diferentes áreas de conteúdo que os contos infantis podem abordar?
- Como conseguem os contos infantis ter uma abordagem tão abrangente?
- Como podem os contos infantis contribuir para uma melhor articulação de conteúdos de diferentes áreas?

2.2. Revisão de literatura

2.2.1. Literatura Infantil/ O Conto

A palavra literatura tem como significado básico a “arte de escrever” e a sua origem vem do latim, porém a palavra literatura infantil, surgiu no continente europeu em meados do séc. XVIII, com Charles Perrault. Segundo Lajolo e Zilberman

“ As primeiras obras publicadas visando o público infantil aparecem no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII, antes disto apenas durante classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância” (1999, p. 15-16)

Charles Perrault não foi apenas o responsável pelas primeiras obras literárias infantis mas também pelos contos de fadas que encantaram crianças e adultos daquela época.

A escrita para crianças é relativamente recente justificando-se assim a constante alteração e a atual ambiguidade do conceito de literatura Infanto-Juvenil. As expressões mais utilizadas para caracterizar a literatura para crianças ou crianças e jovens é Literatura Infantil e literatura Infanto-Juvenil.

A Literatura Infantil foi alvo de estudo nos últimos 20 anos. Durante este período as diferentes disciplinas do seu quadro de referência – Psicologia, teoria literária, sociologia, didática, etc. – realizaram importantes avanços teóricos que oferecem a possibilidade de utilizar métodos de análise dos livros infantis.

Rocha (1984) refere que a figura de escritor, que deliberadamente procura ir ao encontro das crianças, não tem mais de duzentos ou trezentos anos, ao contrário do contador de histórias que tem milénios.

No século XIX surgiram obras destinadas às crianças que se tornaram best-sellers mundiais e ultrapassaram a barreira do tempo. Andersen com diversos contos entre eles “O patinho feio” e “A princesa e a ervilha”, Dickens com “Cânticos do Natal” ou “Oliver Twist” como mais conhecidos, Condessa de Ségur com a coleção dos contos entre eles “As meninas exemplares” ou “Os desastres de Sofia”, Júlio Verne autor “As vinte mil léguas submarinas” ou “A volta ao mundo em 80 dias” Lewis Carroll autora de “Alice no país das maravilhas”, Mark Twain com o “Tom Sawyer”, Johanna Spyri com a sua “Heidi”, Collodi com “Pinóquio”, James Barrie, o criador de “Peter Pan”, Kipling com o “Mowgli”, o menino lobo. São inúmeras as referências ao século XIX como uma espécie de “idade do ouro” da literatura infantil. O ato de contar histórias deixa assim de ser uma comunicação apenas oral para se transformar em palavras escritas, esta evolução do conto acompanha assim paralelamente o papel da criança na sociedade.

Dissipou-se, assim, a ideia da criança como ser ignorante, acedeu-se à sua percepção enquanto pessoa com as suas peculiaridades, enquanto ser pensante e ativo, assim como ser sensível aos diferentes estádios do seu desenvolvimento de maturação. Quer a narração oral quer escrita, têm desempenhado uma função relevante, atendendo aos seus destinatários, na modelização do mundo, na construção dos universos simbólicos, no sistema de crenças e valores, permitindo educar e satisfazer ludicamente as crianças Silva (1981). O mesmo autor destaca os dois termos dizendo que a literatura é a esfera de produção literária e o infantil é a esfera de receção literária. Por sua vez Ramos (2005), parte da noção de que a “literatura infantil” compreende uma produção literária com um destinatário preferencial, definido, sobretudo, para uma determinada faixa etária, ainda partilhando a ideia de que a “literatura infantil”, embora se destine a um público jovem, pode ser criada à semelhança (do ponto de vista da qualidade, do rigor, do sentido estético e artístico) à que é produzida para adultos.

Podemos verificar que esta reflexão não é conclusiva e remete-nos para diferentes perspetivas, no entanto todas elas alertam para a importância da “qualidade” da obra e a importância do conteúdo do contexto narrativo. Igualmente Bastos (1999), realça a definição de Literatura infantil de Marc Soriano (1975), o qual aponta e define

“ a Literatura enquanto fenómeno comunicativo específico procurando abranger a esfera do emissor e do recetor assim como a imprescindível a contextualização num momento e espaços precisos. É essencial conhecer as estruturas “Linguísticas, intelectuais e afetivas” do ser humano e o facto de nos depararmos com mais de uma “escrita”, pois são os diferentes códigos semióticos que adequados a cada um dos estádios se poderão considerar no desenvolvimento do indivíduo”. (p. 185)

2.2.2 A importância do conto no Jardim-de-Infância

O desenvolvimento infantil é um processo da própria criança a partir de interações que vivencia. A literatura infantil no pré-escolar, como atividade pedagógica

mediada pelo educador, contribui para este desenvolvimento. Todo este processo deverá ser feito respeitando o estágio de desenvolvimento de cada criança. As crianças até aos 3 anos de idade vivem num mundo muito concreto, as suas brincadeiras assemelham-se ao real, gostam de histórias que falem da vida prática, quase como uma “apresentação ao mundo”, gostam de reconhecer e rever no livro o que já conhecem. A partir dos 4 anos começam a viver no mundo da imaginação, o que os leva a pensar nas histórias como se fosse o mundo real. Nestas idades o educador consegue prender muito mais atenção da criança se usar como suporte não só de um apoio visual, mas podendo usar vários brinquedos, como fantoches, flanelógrafos, gestos expressivos.

O educador ao levar o conto para a sua sala, vai estabelecer uma relação de proximidade, onde no diálogo com a criança, ela vai rever a sua própria cultura e a sua realidade. Ao contar a história vai criar condições para que a criança a veja sobre o seu ponto de vista, trocando opiniões, assumindo posições frente aos factos narrados, defendendo atitudes e personagens. A criança retratará algumas das suas vivências na história narrada, ou seja a sua própria história.

De acordo com Abramovich (1995, p.17),

ler histórias para crianças, sempre, sempre ... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento ... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram ...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim,

esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ...

As histórias podem ser um bom meio de atenuar os problemas e as ansiedades infantis. Ao educador cabe o papel de ajudar a ultrapassá-los. Paley (1981, 1986, 1990) citado por Dyson e Genis (2002) “descreveu o modo como as oportunidades para ditar histórias dão oportunidade aos jovens alunos para organizarem as suas maneiras de reagir às experiências de todos os dias-pensamentos, sentimentos e sonhos(...) “permitindo-lhes assim dar mais sentido ao mundo e dominá-lo melhor do que seriam capazes se estivessem sozinhos.”

Segundo Bettelheim (1996)

enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e oferece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.(p.20)

E, ainda citando Tahan (1961),

“as narrativas de casos e contos podem ser aproveitadas em todas as atividades. Através dessas narrativas podem ser ministradas aulas de linguagem, Matemática, educação física, com o máximo de interesse e maior eficiência”.(p. 142).

É o exemplo do escritor Monteiro Lobato, que mostrou que “até a Aritmética, com os seus cálculos e frações, pode ser aprendida, sob a forma de história...” (p.26)

Toda a criança precisa de ser estimulada, e é nesse sentido que se torna importante para o seu desenvolvimento um ambiente propício, onde o educador possa proporcionar-lhe uma atmosfera calma, criando uma série de estímulos que facilitem o aprofundamento do seu conhecimento. Tal como nos refere Sim-Sim (2008)

“O desenvolvimento da compreensão verbal implica, antes de mais, ser capaz de prestar atenção ao que o interlocutor diz, seguir o que está a ser dito e identificar o que é essencial na mensagem. Saber escutar é uma tarefa activa com grande valor informativo no que respeita quer à comunicação, quer à aprendizagem.”(p. 37)

O conto, sendo adequadamente escolhido, vai favorecer a aprendizagem, a organização do pensamento e estimular o seu imaginário, dado ser um recurso que

facilita o desenvolvimento da compreensão verbal e que, tal como é referido nas OCEPE (1997) “ a aquisição de um maior domínio da linguagem oral é o objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as condições para que as crianças aprendam.”(p.66).

O simples facto de contar histórias permite à criança o aumento de vocabulário e dos seus significados, permitindo assim um desenvolvimento da linguagem oral. Um texto de qualidade permite o reconhecimento do modo correto de falar. Também como nos refere Albuquerque (2000, p.27) o uso do livro parece-lhe um dos “procedimentos louváveis, para aumentar a adesão afetiva da criança, que se encontre numa fase de iniciação à leitura e à escrita” Os contos poderão ser uma boa via de aprendizagem, sejam eles apresentados em suporte de papel ou simplesmente por transmissão oral. De acordo com Sim-Sim (2008,p.12) “proporcionar no jardim de Infância, ambientes linguisticamente estimulantes e interagir verbalmente com cada criança são as duas vias complementares”. A mesma autora (2008) salienta ainda que:

Interagindo verbalmente, as crianças aprendem sobre o mundo físico, social e afetivo, ao mesmo tempo que adquirem e desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintático, pragmático). Porque os ambientes onde as crianças se encontram desempenham um papel marcante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar, é fundamental a criação de oportunidades onde elas possam descrever, discutir, formular hipóteses e sínteses sobre o real que experimentam.(p.34)

O educador terá que pensar em estratégias facilitadoras da aquisição de competências literárias: ler ou recontar um conto, recontar uma pequena história oral, contar uma história com o apoio de diversos materiais.

Como nos aconselha Sim-Sim (2008,p.39) “Leia histórias servindo-se de material diverso: livros com diferentes formatos e tipos, histórias gravadas em cassetes de áudio e video, albuns de imagens, objetos reais, etc.”

É, ainda, Goés (1991) citado por Smole (1996) que afirma

“Integrar literatura nas aulas de matemática representa uma substancial mudança no ensino tradicional da matemática, pois, em atividades desse tipo, os alunos não aprendem primeiro a matemática para depois aplicar na história, mas exploram a matemática e a história ao mesmo tempo.”

2.2.3. Compreender o conto como uma ferramenta Pedagógica.

Ouvir e ler histórias é entrar num mundo encantador, repleto de mistérios e aventuras, que diverte e ao mesmo tempo ensina. O prazer e o lúdico andam lado a lado, é na exploração da fantasia que a criança fortalece a sua criatividade e enriquece todo o seu conhecimento. A literatura infantil tem presente uma grande riqueza de aspetos formativos, e sendo um precioso auxiliar na prática pedagógica do educador pode ser apresentada às crianças de uma maneira fantástica, lúdica e simbólica.

O ato de contar histórias é uma prática que existe há muito tempo, assim como nos afirma Albuquerque (2000, p.13) “Desde sempre que as culturas conhecidas, viam um carinho especial nessa figura carismática, o contador de histórias, cuja função era fundamentalmente encantar os ouvintes com a sua voz mágica”

Durante muito tempo o ato de contar histórias nos jardins-de-infância não passava de uma forma de entreter e acalmar as crianças, o que felizmente tem vindo a dissipar-se, e ainda que algumas instituições o façam, muitos educadores descobriram que a literatura pode ser uma excelente estratégia para a abordagem às várias áreas de conteúdo (área de formação pessoal e social; área de expressão e comunicação, e os seus vários domínios; área de conhecimento do mundo). Como nos refere Marques (1999)

“Contar histórias é uma atividade bastante comum nas pré-escolas, embora quase sempre, os educadores de infância o façam com o objetivo de desenvolver a linguagem oral e o conhecimento do mundo. Sem esquecer a importância de tal objetivo, convém ter presente que o contar histórias pode ser uma atividade estimuladora da aquisição de competências literárias pelas crianças pequenas.” (p.43).

Marques (1999, p.33) relata-nos ainda que a história é deveras importante para o desenvolvimento da linguagem “sendo pena que os educadores de infância não dediquem mais tempo a contar histórias”

A literatura infantil tem pois uma grande participação na vida da nossa sociedade em transformação de que as crianças são parte integrante; ela serve como agente de formação, num simples ato lúdico, por parte do educador, sabendo que o conto é um excelente instrumento de apoio para o educador na abordagem dos vários conteúdos, e como o qual pode ajudar a criança nas suas dificuldades, tendo como benesse ser divertido, estimulando a criança e criando condições para desenvolver o seu processo de construção do conhecimento.

O conto pode também ser utilizado numa sala de Jardim-de-Infância de várias formas, promovendo a interdisciplinaridade. É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outras óticas. É ficar a saber história, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome exato e muito menos achar que se está numa aula. (Abramovich 1995)

A literatura infantil torna-se assim um instrumento de trabalho preferencial para o educador. Sendo o jardim-de-infância um local de excelência para a formação da criança onde devem ser lançados novos desafios rumo à aprendizagem, o livro surge-nos como uma estratégia simples, tornando assim o ato de aprender numa forma interativa e cativante.

O educador que planeia as suas atividades tendo como base, ou como apoio o livro infantil, e tendo em conta o seu papel de orientador e mediador entre a criança e a aprendizagem, encontra na literatura uma estratégia para levar a criança ao conhecimento do mundo que a rodeia, através da fantasia. A literatura infantil é um valioso auxiliar na prática pedagógica de um educador. As narrativas estimulam a

criatividade, a imaginação, a oralidade e facilitam a aprendizagem em todas as áreas, incentivando o prazer pela leitura. Todas elas contribuem para a formação e personalidade da criança.

O educador não pode deixar de incluir nos seus planos, momentos dedicados à leitura, formando crianças que gostem de ouvir histórias, o que será fundamental para uma bem sucedida abordagem à leitura e à escrita. Pode-se formar uma geração de pequenos leitores que lentamente, e por meio da diversão, vão criando gosto pela leitura. Segundo Abramovich (1995) o ato de escutar contos é o início da aprendizagem de ser leitor.

É fundamental que o educador tenha consciência da importância e da função da literatura infantil na formação da criança e objetivos claros sobre o trabalho que irá desenvolver, ou sobre a área com a qual irá trabalhar para poder fazer escolhas bem adaptadas.

O educador deve ter como preocupação na escolha do livro, a adequação de linguagem à faixa etária a que se destina. Para que a literatura infantil consiga de facto trazer alguns benefícios para o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem, é necessário que o educador faça uma correta adequação do livro às necessidades e interesses da criança. Os meios didáticos são de suma importância, desde que o educador os saiba adequar da melhor forma possível. Para Mattos (2003) o educador deve estar ciente de que todo o conto reflete a ideologia da época em que foi produzido, é, a partir dessa perspectiva, que deve ser compreendido.

A literatura infantil, é uma porta aberta para novas descobertas e um começo de novas aprendizagens - o educador pode proporcionar à criança um contato direto com o mundo da fantasia, com o imaginário e ultrapassar emoções como o medo, a tristeza, a alegria a raiva, a irritação, o bem-estar, o amor, a alegria, o pavor, a insegurança, dificuldades várias, perdas, buscas e muitas outras que a própria história promove,

através dos seus personagens. A criança poderá colocar-se no lugar do personagem com quem se identifica mais. Através da história será muito mais simples para o educador ajudar a criança a ultrapassar todas as barreiras que possam surgir.

2.2.4. As OCEPE, a integração de conteúdos e as estratégias de ensino.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) são um documento de referência e orientador do educador na sua prática pedagógica, constituindo como refere o dito documento “um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças” OCEPE (1997, p.13).

Este documento encontra-se organizado por áreas de conteúdo, nomeadamente: A área de formação pessoal e social; Área de expressão e comunicação, que compreende três domínios (Domínio das expressão motora, Domínio da expressão plástica, Dramática e musical; Domínio da linguagem e da abordagem à escrita; e Domínio da matemática); e a área do conhecimento do mundo.

As Orientações Curriculares atribuem ao educador um papel fundamental na formação de cada criança, principalmente a maneira como se relaciona com cada uma delas, adequando sempre a sua prática às necessidades do grupo, assim como nelas referenciado (1997,p.18) “estimular o desenvolvimento global da criança, respeitando as suas características individuais.” Cabe ao educador proporcionar condições para uma formação saudável e coesa do grupo, em que as crianças usufruam de oportunidades diversificadas, como nas mesmas mencionado (1997,p.19) ”proporcionar aprendizagens significativas e diversificadas, no respeito pelas diferenças individuais das crianças”.

É da responsabilidade do educador organizar e fomentar com frequência este tipo de experiências, para isso torna-se imprescindível uma observação do grupo, para

efetuar uma planificação, agindo consoante as suas intencionalidades educativas e uma avaliação para o sucesso de futuras planificações.

Deste modo, as áreas de conteúdo servem como referência para o planeamento e avaliação das experiências. O educador deve possibilitar o cruzamento e a articulação entre as várias áreas de conteúdo, e os vários domínios.

Como nos refere Roldão (2009,p.29) “Uma estratégia justifica-se sempre, no plano da concepção, pelas respostas às questões: como vou organizar a acção e porquê, tendo em conta o para quê e o para quem?”

A mesma autora (2009) afirma que a ação do professor/educador é toda ela, desde a conceção e planificação ao desenvolvimento didáctico e à avaliação considerada de natureza estratégica, pois o ator educativo deve procurar a melhor e mais eficaz forma de proporcionar as aprendizagens quer estas se verifiquem ao nível conceptual, processual ou atitudinal. Trata-se, por isso, de “conceber e concretizar, ajustando-o ao longo da acção, *um percurso intencional orientado para a maximização da aprendizagem do outro*”(p.60).

De acordo com o atrás referido os contos infantis, desde que devidamente escolhidos podem concretizar esta acepção de estratégia tornando-se, para o educador uma excelente ferramenta pedagógica.

Tendo em conta tudo o que mencionei anteriormente os livros infantis podem inserir-se nesta lógica globalizante, na medida em que o conto, aborda poeticamente temas que poderão ser explorados nas Áreas e nos Domínios que constam nas OCEPE. Contudo é importante não descorar a escolha criteriosa dos livros apresentados, tal como é referido nas OCEPE (1997,p.70) ”É através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica.”

Todavia a educação literária da criança no Jardim-de-Infância deve ser uma das preocupações do educador quando promove o contato com o livro, estimulando assim o gosto pela leitura. Não deixa de ser valioso o facto de esses textos permitirem, na maioria, fazer uma reflexão sobre o mundo, educando para a cidadania, para os valores humanos, sociais, morais ou ecológicos de uma forma delicada, num discurso literário e com ilustrações artísticas que no seu conjunto vão ajudar a criança a desenvolver a sua sensibilidade artística. Efetivamente nas OCEPE (1997,p.55) afirma-se que a educação estética da criança, “partindo do contexto educativo da educação pré-escolar, estará sempre presente no contacto com diferentes formas de expressão artística que serão meios de educação da sensibilidade”.

Por tudo o que acabei de mencionar anteriormente, a articulação da literatura infantil, através dos contos (inserida na área de expressão e comunicação) com a área do conhecimento do mundo e com a área de formação pessoal e social fará, do meu ponto de vista todo o sentido, e poderá ser bastante construtiva na formação literária, cívica e relacional das crianças. Neste sentido, estando

“a educação para a cidadania baseada na aquisição de um espírito crítico e da interiorização de valores, pressupõe conhecimentos e atitudes que poderão iniciar-se na educação pré-escolar através da abordagem de temas transversais, tais como: educação multicultural, educação para a saúde, (...) (OCEPE 1997 p.55).

Igualmente o cruzamento com os domínios das expressões, pode enriquecer a flexibilidade entre as diferentes formas de expressão artística, podendo assim desenvolver trabalhos de desenho, pintura, pequenas dramatizações, e recorrendo a instrumentos musicais, ajudando a ganhar domínio sobre alguns deles. Podemos verificar no documento orientador do educador OCEPE (1997) que a expressão dramática

“(...)é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s)outro(s) que corresponde a uma forma de

se apropriar de situações sociais. Na interação com outra ou outras crianças, em atividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal.” (p.59)

No que diz respeito ao domínio da matemática, é igualmente fácil de estabelecer uma articulação com os contos, tendo em conta que todos eles têm uma sequência narrativa e pictórica, onde é possível trabalhar noções de sequência, contagem e combinações, entre outras.

Para Ponte e Serrazina (2000) as ideias matemáticas são, de início, pensadas através da língua materna fazendo as crianças a integração da linguagem própria da matemática. Todo o trabalho feito com os contos permite esta apropriação de significados. Para Smole (2000)

a linguagem matemática não é usada constantemente na vida social das crianças e o educador terá, por isso, de promover oportunidades e contextos em que elas a possam aplicar. São também os contos uma boa ocasião de fazer essa aplicação dando-lhe precisão e proporcionando a possibilidade de “oferecer sem cessar às crianças a versão matemática do seu linguajar” (p.66). E a mesma autora que acrescenta “aproximar a linguagem matemática da língua materna permite emprestar à primeira a oralidade da segunda e, nesse caso, a oralidade pode significar um canal aberto de comunicação, aqui compreendida como partilha de significados” (p.67)

Os contos são um contexto ricamente integrador destes dois domínios.

Katz e Chard (1997) afirmam que “as crianças podem aprender muito com histórias e livros, desde que possam relacionar os conhecimentos que estes transmitem com as suas próprias experiências directas” (p.51).

O educador poderá assim explorar as inúmeras possibilidades de trabalhar os contos numa perspetiva transversal devendo planificar conscientemente, organizar, e estruturar o processo educativo, tal como é referido nas OCEPE, promovendo assim o desenvolvimento global e harmonioso da criança. É nesta fase da sua vida que o

educador pode e deve aproveitar para promover estratégias de aprendizagem de maneira a permitir que cada criança consiga estruturar o seu pensamento. O educador pode, assim, aproveitar o conto como estratégia dada a sua capacidade intrínseca de transversalidade.

Uma história pode ser contada de variadíssimas maneiras. O educador para contar uma história tem que estar familiarizado com a mesma, ainda que todas elas possam ser interessantes para a criança o educador tem que ter sempre em conta o seu objetivo didático e os meios didáticos são muito importantes desde que o educador saiba usá-los da melhor forma possível, pensando sempre nas necessidades e interesses de cada criança, e atendendo à idade a que se destina.

Relembrando Roldão (2009) dado que para a autora uma estratégia se justifica sempre em diferentes planos o educador deve sempre fazer uma pesquisa pormenorizada para escolher a história que vai apresentar, fazendo adaptações à técnica que irá utilizar, tendo em conta o grupo de crianças a quem se dirige e quais as possibilidades de fazer adequadamente uma articulação de conteúdos de diferentes áreas/domínios que permitam uma continuidade de acção ao longo de um planeamento temporal devidamente pensado.

“uma história pode ser contada por um narrador individual ou por um grupo, mas pode também tornar-se teatro ou guião para um espetáculo de fantoches, ser desenvolvida em quadradinhos ou em filme, ser gravada em cassete e enviada aos amigos” (Rodari 2006, p. 16).

O simples ato de contar histórias em momentos específicos de lançamento de atividades, é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira bastante significativa a prática do educador. Segundo as OCEPE (1997, p. 21), um dos princípios gerais e pedagógico na área da Expressão e Comunicação refere como é importante “desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo.”

Assim, o educador é responsável pela promoção de diferentes situações de comunicação podendo assim aproveitar um momento de prazer para enriquecer a criança estimulando assim a sua imaginação, ao mesmo tempo que instrui e, desenvolve habilidades cognitivas e a fantasia que faz parte do universo da criança. O educador que usa o conto como estratégia para abordagem dos vários conteúdos deve ter consciência do seu papel de estimulador, orientador e mediador entre a criança (que é um ser em formação) e a literatura que será um meio de acesso para o conhecimento do mundo que a rodeia. Desta forma, é importante que o educador esteja desperto para a extensa variedade de estratégias que poderá utilizar para contar as suas histórias de forma a cativar e envolver a criança, e ao mesmo tempo auxiliar na abordagem de conteúdos.

2.3.Opções metodológicas

Para a elaboração deste relatório, optei por desenvolver uma metodologia de cariz qualitativo. Como nos afirma Afonso (2005,p.14) “ Na realidade a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade.”

A abordagem numa investigação qualitativa é complexa e “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (Bogdan & Biklen, 1994 p.49)

Tal como estes autores referem a fonte dos dados é o ambiente natural e o investigador o instrumento principal da sua recolha. Acrescem ainda que uma investigação deste tipo é descritiva e que os investigadores qualitativos estão mais interessados no processo que nos resultados. Como registo de dados obtidos pela

observação participante foram introduzidos às planificações das atividades todas as ocorrências e a procura do seu significado.

O objeto do estudo tem uma grande importancia na escolha da metodologia a ser utilizada. A minha escolha baseou-se no tipo de dados que pretendia recolher, recorri a planificações para todas as atividades que queria propor ao grupo, depois das implementações todos os dados foram recolhidos no ambiente natural da instituição, através da observação direta e participante.

Toda a recolha de dados feita neste estudo foi da minha exclusiva responsabilidade, baseando-me fundamentalmente nas observações diretas e participantes registadas sempre no final de cada história lida.

A recolha de dados, segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p.183), consiste “em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou das unidades de observação incluídas”.

Partindo deste pressuposto, procurei a partir de sinais que as crianças me davam, aprofundar e analisar conteúdos do interesse da investigação, também realizei pesquisas documentais. Consultei o regulamento interno e o projeto educativo da instituição, para fazer a caracterização da instituição e fundamentar toda a sua organização.

3. - Caracterização Do Contexto Institucional e Comunidade Envolvente

3.1-Caraterização da instituição

O jardim-de-infância onde se desenvolveu a ação educativa que pretendo documentar neste relatório funciona desde 1970, e congrega unicamente a valência de Jardim-de-Infância, é uma Instituição particular de solidariedade social, alberga cerca de 160 crianças dos 3 aos 6 anos de idade, pertencentes a um nível socioeconómico médio/baixo.

Considera-se que, para o bom funcionamento da instituição é imprescindível a existência de um conjunto de elementos humanos, físicos e materiais, desta forma, a instituição é composta por um corpo docente, constituído por sete Educadoras de Infância, uma Educadora/coordenadora pedagógica que exerce simultaneamente funções de diretora geral.

O desempenho da instituição decorre com a participação de oito Ajudantes de ação educativa, que dão apoio nas salas e resposta à componente não letiva e de apoio à família, funcionários da cozinha e limpeza e funcionários administrativos, onde se encerram alguns voluntários.

Tendo como prioridade garantir a qualidade e um ambiente saudável, a instituição está equipada de acordo com o material necessário para o bem-estar de toda a comunidade educativa. As orientações curriculares salientam, que durante a educação pré-escolar, “se criem as condições necessárias para que as crianças continuem a aprender, ou seja importa que na educação pré-escolar as crianças aprendam a aprender” Silva (1981)

Como tal, em conformidade com a lei, esta instituição é detentora de um regulamento interno, um projeto educativo, um plano anual de atividades, assim como

projetos curriculares de sala, visto serem estes, os principais instrumentos de ação de uma instituição.

Possui ainda um local amplo, o salão polivalente que desfruta de uma boa iluminação natural, no qual se desenvolvem atividades socioeducativas (atividades de expressão motora, festividades...), atividades da componente social e de apoio à família servindo, ainda, de recreio interior.

O espaço exterior tem uma área bastante considerável, o piso é constituído por pedra de calçada, com um declive muito acentuado, há uma pequena parte em que o piso é plano com mosaico ladrilhado forrado com pavimento antichoque, existem alguns pneus cheios de cimento e oito árvores, encontrando-se todo ele delimitado por um muro.

3.2 Projeto Educativo

O Projeto Educativo é um documento que

“(...)consagra a orientação educativa da escola, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa(...)” (Decreto-Lei nº 115 A/98 de 4 de Maio, Artigo 3º).

Tendo como principais preocupações:

- ❖ O desenvolvimento integral da criança, físico, moral, social, cognitivo, intelectual e espiritual; criando um espaço aberto, promotor das potencialidades de cada indivíduo de forma a facilitar a sua realização como pessoa, contribuindo para o bem-estar;

- ❖ O desenvolvimento da personalidade com base em valores morais éticos, cívicos espirituais cristãos;
- ❖ Formar crianças cada vez mais autónomas, menos dependentes do adulto;
- ❖ Realizar um pré-escolar desenvolvendo todas as competências necessárias criança que lhe venham a permitir uma integração plena e sem dificuldades no primeiro ciclo.
- ❖ Proporcionar no ATL um tempo onde exista diversão, lazer, e simultaneamente, se desenvolvam aptidões que permitam à criança um crescimento saudável para uma melhor inserção na vida escolar.
- ❖ Fomentar o relacionamento entre os utentes, familiares e amigos, de forma a preservar e fortalecer os laços de amizade e solidariedade,
- ❖ Promovendo a interligação escola/família/paróquia e a participação dos pais cada vez mais ativa;
- ❖ Colaborar com outras instituições locais, de modo a promover a inter-institucionalidade. (registo realizado a partir do documento da instituição)

Em suma a nossa instituição defende que toda a comunidade educativa é, em simultâneo, agente e sujeito do processo educativo.

Deste modo, incentiva toda a comunidade escolar a uma maior qualidade e competência educativa, à prática de uma pedagogia personalizada, ativa e socializante. Trabalhamos em espírito de equipa que facilita: a interajuda; a partilha de saberes e de experiência; a disponibilidade; a confiança na união.

Todos estes princípios orientadores só fazem sentido se seguirmos a pedagogia do Evangelho.

3.3 Regulamento Interno

O regulamento interno é um documento onde consta todas as normas que deverão ser respeitadas para um bom funcionamento da instituição. Segundo Jorge Adelino da Costa, este constitui um

“Documento jurídico-administrativo, elaborado pela comunidade, que com carácter estável e normativo contém as regras ou preconceitos referentes à estrutura orgânica, pedagógica, administrativa e económica, que regulam a organização interna do centro” (1992:31)

Este é composto por vários capítulos, estando neles mencionados objetivos e princípios gerais do mesmo e, normas de funcionamento de toda a instituição, mensalidades, saídas ao exterior, administração de medicamentos.

3.4 Caracterização do meio, das crianças e das suas famílias

A sala onde desenvolvi o PES, designada por “pequeninos”, é constituída por 24 crianças, a sua maioria com três anos já feitos, todas as outras completam os três até ao final do ano corrente. Nesta sala existe uma criança com necessidades educativas especiais, que conta com apoio de técnicos especializados. Foi promovida a sua integração e participação em todas as atividades, tendo em conta que o princípio da integração de crianças com NEE em classes regulares tem subjacente o direito a uma vida tão normal quanto possível (Madureira & Leite, 2003).

Tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, compreendemos que toda esta diversidade de características, ou seja, que a heterogeneidade do grupo possa facilitar o desenvolvimento das crianças, pelo facto de se criar uma interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e

com saberes diversificados, criando-se assim a oportunidade de confrontarem os seus pontos de vista (Silva et al., 1997).

O quadro socioeconómico das famílias e crianças que frequentam a instituição é heterogéneo em virtude desta ser uma IPSS, no entanto a maioria das famílias pertencem a uma classe baixa. No que diz respeito ao nível escolar poderei dizer que é na sua maioria baixo.

A educadora cooperante proporciona um leque bastante variado de atividades às crianças podendo estas serem individuais ou coletivas, isto permite que as crianças tenham oportunidade de fazer jogos, desenhos, colagens, modelagem podendo escolher brincar nas diferentes áreas de atividade, e de partilharem experiências, aprenderem a cooperar e a respeitar os pares e adultos.

O jardim de Infância localiza-se no concelho de Sintra e está situado numa zona urbana uma avenida com bastante movimento. Está rodeado por um espaço murado, com algum arvoredor. Existindo nas imediações várias escolas de 1º e 2º ciclo.

4- Análise descritiva da instituição em relação à temática estudada

Como já referi anteriormente esta instituição comporta sete salas, tendo assim sete educadoras, todas praticam uma metodologia tradicional combinando assim atividades predefinidas, recorrendo na maioria das vezes à utilização de fotocópias baseadas nos temas e áreas que querem abordar, nos centros de interesse de cada grupo.

As planificações elaboradas pelas educadoras e em algumas delas com a participação da auxiliar, incidem em temas de vida que partem de acontecimentos da vida social e que lhes permite desenvolver um conjunto de atividades, centrando-se sempre em efemérides como: O Natal, o Carnaval, a Páscoa, as Estações do ano, o Dia do Pai, o Dia da Mãe, o Dia da Criança, os Santos Populares.

Ao longo de todo o meu percurso nesta instituição, verifiquei que todas as educadoras têm um carinho especial pela hora do conto, mas unicamente para momentos de relaxamento ou para estabelecer relações de proximidade com as crianças.

As salas desta instituição estão organizadas de modo a criar um clima afetivo e cultural onde têm, espaços e rotinas para falar sobre as suas vivências, para exprimir ideias e interesses.

Em cada uma das salas, existem diferentes áreas de brincadeira, mas muito poucas contemplam a área da leitura.

Nas suas rotinas diárias, encontram muitas oportunidades de comunicar oralmente e de brincar.

No meu ponto de vista a literatura nesta instituição não tem um estímulo adequado. A hora do conto é importante para o desenvolvimento da criança, sendo esta uma excelente estratégia para a abordagem dos vários conteúdos presentes nas nossas Orientações Curriculares. Os contos são uma alternativa para que as nossas crianças tenham uma experiência positiva com a leitura.

De acordo com os vários autores que mencionei no (Ponto 2) deste relatório o conto é um valioso auxiliar na prática pedagógica do educador.

5. A Prática de Ensino Supervisionada na Instituição

No decorrer deste estudo privilegiei a análise das planificações feitas como suporte à prática educativa que ia desenvolvendo em contexto de sala. Permitiram-me uma reflexão sobre o que fiz, vista agora à luz do conhecimento adquirido durante toda a minha revisão de literatura. Nessa fase de planificação passei por momentos de reflexão sobre as minhas intenções educativas e a melhor forma de as adequar ao grupo, promovendo experiências de aprendizagem, pensando nos recursos humanos e materiais, necessários à realização de cada uma das atividades. Deste modo as áreas de conteúdo definidas para a Educação Pré-Escolar foram uma referência para a realização destes planeamentos e avaliações, possibilitando também um cruzamento e uma verdadeira articulação entre as várias áreas e os vários domínios nelas contidos.

A palavra planificar subentende o traçar de um plano com um determinado objetivo. Pois de acordo com Zabalza (2000) planificar é organizar ideias em função de um final pretendido de tal forma que viabilize:

“um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuará como apoio concetual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que se deverá concretizar numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo” (p.48)

Ao longo da construção dos planeamentos evidenciei a intencionalidade educativa para o tempo de grande grupo, bem assim como, as experiências de aprendizagem e a forma como as iria desenvolver, as estratégias utilizadas, o momento do específico do conto como tema motivador para as outras descobertas e aprendizagens das várias áreas de conteúdo, servindo-me assim dele como ferramenta pedagógica para a acção educativa a exercer junto das crianças do grupo.

Como estratégia pedagógica abordei vários tipos de histórias, narrativas com e sem livro, através de projeção de slides, e com suporte de um flanelógrafo.

Talvez deva salientar que o ato de planificar se tornou desafiante, vendo as crianças não como objeto mas como sujeito dos seus processos de aprendizagem.

Baseada no que acabei de referir, no ato de planificar tive em conta os interesses e os conhecimentos que estas crianças possuíam, pude constatá-lo através de observação direta, de situações que surgiram naturalmente, de motivações que os moviam, de temáticas pelas quais tinham mais interesse, e sobretudo provendo uma aprendizagem nas diversas áreas de conteúdo.

Para a operacionalização do estudo que pretendia efetuar com as crianças deste grupo, selecionei alguns livros que apresentam, do meu ponto de vista, qualidade literária e que poderiam ser estratégicos numa abordagem às várias áreas de conteúdo definidas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Os livros que escolhi para este estudo foram: O nascimento de Jesus (em suporte papel, como base o flanelógrafo); A lagarta muito comilona (em suporte digital); Vamos à caça do urso (em suporte papel). (Anexo I)

A minha escolha recaiu sobre estes livros tendo em conta alguns critérios: em primeiro lugar, o temático, uma vez que, a primeira intervenção coincidia com a época natalícia, e de entre as várias ofertas, esta pareceu-me a mais adequada à sua idade, as outras duas pelos conteúdos a tratar num grupo com idades compreendidas entre os três e os quatro anos, mas também à qualidade estético-literária uma vez que a minha intenção era apoiar-me na história para uma abordagem transversal às várias áreas de conteúdo, e os outros domínios do conhecimento indicados nas OCEPE.

1ª ATIVIDADE

“O NASCIMENTO DE JESUS”

Esta planificação surge no âmbito da minha primeira intervenção na sala onde fiz o estudo. A principal finalidade com esta atividade apresentada no era proporcionar às crianças algumas aprendizagens significativas, de forma a valorizar a importância e o significado do Natal.

O livro do nascimento de Jesus, é de uma grande simplicidade textual, com imagens simples e apelativas. Ao escolher este livro, propondo esta atividade em grande grupo, o meu objetivo na escolha era poder exemplificar diferentes formas de contar histórias, proporcionando ao grande grupo uma diversidade de atividades de acordo com os seus gostos de forma a assegurar a sua participação entusiástica, processos mais dinâmicos e progressivos de aprendizagem em pequenas etapas. “A representação dramática traz muitas vantagens para as crianças de tenra idade” Rossano, J.; Schiller, (1990).

Obter uma maior atenção por parte das crianças e por mais tempo, era outro dos meus objetivos. Com este “brinquedo” as crianças podem falar através dos personagens, como se estivessem na sua retaguarda “ facilitando a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos” (Silva et al., 1997). Onde pudessem vivenciar os seus medos, onde pudessem contar ou recontar as suas próprias histórias “ Assim falar dos acontecimentos passados constitui uma boa preparação para a literacia (C. Pterson e McCab, 1994; E. Reese, 1995, citado por Papália(2001, p.327)

Esta atividade é a melhor, se não das melhores formas da criança dar largas a sua imaginação, como a sua inserção em cenários que ela própria imagina.

Descrição da atividade (Anexo I I)

No início da manhã quando o grupo estava todo reunido no tapete da sala, fiz o lançamento da atividade, com uma pequena proposta. Foi nesta altura que perguntei, e se nós contássemos a história do menino Jesus com o apoio do flanelógrafo? A ideia foi bem aceite por parte de todos. Eu acrescentei “ então têm que me ajudar, porque eu sozinha não consigo. M.S. “eu ajudo”, pondo-se logo de pé. Então eu respondi,” boa M. S. obrigada” “ Primeiro tem que virar o nosso tapete para o flanelógrafo, para que todos possam ver bem” Todos se levantaram sem grande agitação, ajudaram a pôr o tapete direito em frente ao flanelógrafo, de seguida sentaram-se. Num momento seguinte disse “ agora eu vou contar a história, e vocês vão ajudar-me a colocar as personagens no flanelógrafo” E comecei por esconder todas as personagens no meu colo, só ia mostrando consoante os personagens iam entrando em cena.

“Era uma vez....”

Conforme a história ia decorrendo os personagens iam aparecendo, como se de magia se tratasse, o que prendeu o interesse e a atenção de todos talvez pelo facto dos personagens poderem movimentarem-se como eles quisessem, enquanto a história se desenrolava as crianças vinham vindo colocar as figuras respetivas da cena. Por fim quando acabei de contar a história todos disseram “ outra vez...” o que me deixou bastante satisfeita, pois era sinal que tinha conseguido algo que é muito importante para a criança, o prazer pela dramatização. Todos tiveram oportunidade de colar e descolar as imagens com mais ou menos imaginação foram inventando pequenos diálogos entre as personagens disponíveis.

2ª ATIVIDADE

“A LAGARTINHA MUITO COMILONA”

A minha segunda escolha recaiu nesta atividade apresentada em Power Point porque o impacto das imagens apresentadas num suporte mais dinâmico e com uma melhor visibilidade para todo o grupo, faz com que as crianças gostem e estejam com mais atenção a toda a dinamização da própria história.

O livro é sem dúvida uma fonte de conhecimento que nos pode oferecer uma visão acerca do mundo que nos rodeia e também nos pode ensinar valores essenciais à vida, seja ele em suporte de papel ou em Power Point.

De acordo com as OCEPE (1997, p.70), “o modo como o educador lê para as suas crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler.”

Deste modo, o educador desempenha um papel muito importante na estimulação do gosto pela leitura por parte da criança. Ainda de acordo com as OCEPE, (1997, p.70,71) o educador poderá recorrer através de diversas estratégias de leitura para suscitar o interesse da criança pelo livro e consequentemente pelo gosto da leitura.

Toda esta dinâmica que possa desenvolver em redor da história será um conjunto de propostas de exploração das várias áreas de conteúdo.

A aprendizagem da leitura e escrita é um processo contínuo cujo sucesso é determinado em grande medida pela ação intencional de educadores e pais.

Descrição da atividade (Anexo III)

No princípio da manhã, e logo após a marcação das presenças, fiz o lançamento da atividade. A disposição das crianças no espaço foi escolhida pelo facto de terem que

visualizar o PowerPoint.” A maneira como o espaço é gerido tem efeitos cognitivos e emocionais importantes para os alunos”. Arends (1995, p. 85)

Após este momento de muita euforia, mostrei o livro em suporte de papel e disse que seria aquela a história eleita para a nossa hora do conto, e como tinha prometido iria ser contada de maneira diferente, e o M. perguntou “ então como vais contar?

Bem eu hoje pensei em vermos esta história “ A lagarta comilona” projetada na parede, como vimos no outro dia a história do S. Martinho. O que acham? “ Boa.....” Então vou pedir ajuda a alguns meninos para fecharem as janelas. Houve logo alguns (muitos) que se prontificaram, tive que usar algum critério de escolha, explicando que para a próxima seriam outros a ajudar.

Depois de tudo montado, liguei o computador onde na imagem apareceu a capa da história.

Perguntei “ então o que vêm na imagem”?

Optei por este procedimento tendo em conta que a leitura das imagens é um excelente meio para o desenvolvimento da linguagem oral, nesta faixa etária. Efetuei a leitura através de um trabalho prévio com as crianças, sobre alguns aspetos para textuais do livro, ou seja, uma pré-leitura da história.

Azevedo (2007, p.71) afirma que:

Esta “conversa” à volta do livro/texto, além de favorecer a participação oral, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, leva os alunos com uma competência enciclopédica menos desenvolvida, a beneficiar da partilha dos comentários do grupo, alargando, assim, os seus próprios conhecimentos.

De seguida passei à apresentação das imagens em PowerPoint de modo a proporcionar uma melhor visualização das mesmas em grande dimensão, tendo em conta a sua vantagem para o grupo Sulzby e Teale (1996), citados por Azevedo (2006,p. 27),

afirmam que “para além do grupo ter uma perspectiva de qualidade, este é um recurso poderoso no desenvolvimento das competências da literacia.”

Toda a história foi dinâmica e participativa por parte de todas as crianças, houve alguns elementos que se dedicavam somente a ver as imagens, maravilhados pela cor e pelo movimento das mesmas.

No final da apresentação pedi para que me fizessem o reconto da história, “ouvir histórias e recontá-las permite desenvolver a organização do discurso, a (re) construção das narrativas, a apropriação de elementos narrativos importantes como encadeamento da ação, descrição de momentos-chave, descrição de personagens, etc. “A vertente lúdica associada aos momentos de conto e reconto potencia os resultados. A atividade lúdica é determinada por um conjunto de fatores importantes” (Pessanha, 2001)

O reconto foi feito com alguns atropelos, pois todos queriam falar, e principalmente pediam para voltar a ver as imagens.

Esta atividade correu de uma forma calma, dinâmica e bem conseguida, pois já tinha realizado algumas outras como de um treino se tratasse, o momento foi de empatia, entre mim e as crianças, o que acho muito importante para o desenvolvimento de qualquer atividade e da própria aprendizagem, nomeadamente por se tratar de crianças nos seus primeiros anos de vida. “A aprendizagem mais importante nos primeiros anos é proporcionada pela interação humana. Não tem comparação com os objetos e os utensílios usados para a aprendizagem” Brazelton e Greenspan, (2003, p. 28-29).

A UNESCO confirma que “a educação é também um grito de amor e de afeto”. De facto senti-me à vontade com esta atividade e penso que se refletiu na maneira como as crianças interagiram. Os conteúdos que abordei, as diferentes estratégias e os materiais utilizados, a meu ver, foram adequados ao grupo proporcionando aprendizagens em âmbitos tão diversos quanto o ciclo vital, as cores, os números, os dias da semana, os alimentos, o conhecimento da natureza, as metamorfoses, a aquisição de vocabulário.

3ª ATIVIDADE

“VAMOS À CAÇA DO URSO”

A minha terceira escolha prende-se com um simples objetivo o de poder integrar a literatura nas aprendizagens matemáticas, explorando assim a história e a matemática ao mesmo tempo. Assim como nos refere Smole (1996)

“ Integrar literatura nas aulas de matemática representa uma substancial mudança no ensino tradicional da matemática, pois em atividades desse tipo, os alunos não aprendem primeiro a matemática para depois aplicar na história, mas exploram a matemática e a história ao mesmo tempo.”(p.68)

A história “vamos à caça do urso” é um excelente apoio para esta sequência pedagógica. Serviu para a consolidação de alguns conceitos matemáticos assim como: sequências temporais, posições relativas de objectos, uma abordagem aos padrões e também alguns conceitos fundamentais como frio/quente, alto/baixo, claro/escuro.

De uma forma agradável e estimulante, a criança vai desenvolvendo noções de padrões e conceitos matemáticos, enquanto desfruta de uma história. “Os bebés mais velhos e as crianças pequenas que tiveram contactos precoces com livros retiram uma grande satisfação quando lhes é lido um livro.” (Post & Hohmann, 2004, p.141)

Ler, contar ou recontar uma história não deve ser apenas um ato simples, deve cativar e entusiasmar as crianças, sejam elas alunos, filhos ou sobrinhos. As crianças têm necessidade de ouvir algo que a estimule, principalmente quando são pequenas, pois este é o primeiro contato com a leitura e a escrita, e desta forma é assim que elas criam e aumentam interesse pelas letras. De acordo com as Orientações Curriculares do Pré-Escolar (1997, p.70) “As história lidas ou contadas pelo educador (...) suscitam o desejo de aprender a ler”. Faz parte do papel do educador criar estratégias que agradem os alunos e que os cativem. Justamente por isso, e por saber que são crianças que exigem algo

que as motive a minha escolha recaiu nesta terceira atividade, contar esta história que parece cativar tanto as crianças como adultos.

Descrição da atividade (Anexo IV)

Durante a história não foram colocadas perguntas às crianças, o objetivo era que elas pudessem desfrutar e ter contacto com uma dinâmica crescente e decrescente na história e para isso, contei a história de forma ininterrupta. Quando todas as crianças chegaram, eu comecei a cantar uma canção cuja letra incentiva as crianças a sentarem-se no tapete, para ouvirem a história. Num primeiro momento, antes de começar a contar a história orientei todas as crianças para que se sentassem em “U” no tapete, coloquei uma cadeira em frente ao grupo e sentei-me, de forma que todas as crianças pudessem ver o livro e as imagens e dei início à leitura da história com o cantarolar da canção usual na sala do momento do conto.

” Com pezinhos de veludo, nesta sala vou entrar, é a hora da história, vamos todos escutar, todos, todos sentadinhos no tapete sem falar, ficaremos bem quietinhos para a história começar.”

No decorrer da leitura da história, dei uma maior entoação nas partes da história onde há um padrão de repetição: “Vamos à caça do urso! Vamos caçar um dos grandes! Que belo dia, não temos medo! (...) Não podemos passar por cima, não podemos passar por baixo... Oh não! Temos de a atravessar!” E no final da história, quando a família acha o urso e tem de fugir dele, li a história com uma entoação mais rápida e ofegante, para dar a ideia de estarem a correr para fugir do urso.

Quando cheguei ao fim da história, li a última frase e dei a entoação de alívio, dizendo: “ufa, não voltamos a ir à caça do urso...” e desta forma, termina a história.

Num segundo momento fizemos conjuntamente o reconto da história, aproveitando assim toda a sequência da história para consolidação de conceitos matemáticos assim como: toda a sequência temporal; alguns conceitos fundamentais como frio/quente, questionando as crianças sobre o estado da lama, alto/baixo, (em

relação à caverna) claro/escuro, (como elas achariam que estava a caverna onde murava o urso).

Neste Relatório Final da PES pretendo dar a conhecer todo o percurso vivenciado, e neste ponto uma reflexão de algumas das planificações por mim desenvolvidas e postas em prática, tendo em conta todas as aprendizagens, conquistas e dificuldades sentidas. O longo período de interregno na escrita e consequentemente sem progressos na realização deste relatório foi de alguma maneira benéfico para uma reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido em sala, e outras possíveis explorações que poderia ter feito, com base nos contos que escolhi para a abordagem dos conteúdos que estavam estipulados nas planificações, criando assim uma ponte entre as outras áreas de conteúdo presentes nas nossas Orientações Curriculares. Todo este tempo de distanciamento e reflexão foram benéficos para me reorganizar assim como nos refere Dewey (1933) citado por Alarcão (1996, p.175) ” a reflexão é, no dizer do grande filósofo educacional americano (...) uma forma especializada de pensar.”

O educador na sua ação deve ser reflexivo. A reflexão é um fator importante no percurso profissional do educador, permitindo uma continuidade no seu processo de aprendizagem. Assim os educadores, devem procurar desenvolver a capacidade de refletir sobre a sua prática e realidade, tendo em conta que são extremamente importantes para a formação e descoberta de novas soluções. Conforme nos diz Alarcão (1996)

“ a reflexão sobre a reflexão na acção, processo que leva o profissional a progredir no seu desenvolvimento e a construir a sua a sua forma pessoal de conhecer. A reflexão sobre a reflexão na acção ajuda a determinar as nossas ações futuras, a compreender futuros problemas ou a descobrir novas soluções.” (p.17).

Toda esta reflexão acabou por me dar novos conhecimentos e sobretudo novas aprendizagens, para poder dar respostas às perguntas de cada criança, levando-as assim a

construírem o seu conhecimento de forma andaimada. Alarcão (1996,p. 176) chama-lhe “um diálogo com a própria situação”

A ação do educador terá que ser cada vez mais refletida e reformulada, vivemos numa sociedade em constante transformação e a educação deve acompanhar essa mudança lado a lado.

A reflexão é uma ação que nos leva a uma reorganização das nossas práticas, a obter novos conhecimentos e novas aprendizagens para podermos dar respostas às crianças, levando-as assim a construírem o seu conhecimento de forma global. A formação continua dos professores, como nos refere Alarcão (1996,p.179), tem de considerar que é “ importante que o professor reflita sobre sua experiência profissional, a actuação educativa, os seus mecanismos de acção”

Neste sentido achei por bem fazer uma reflexão sobre as planificações apresentadas anteriormente, e conseqüentemente uma reestruturação podendo contemplar assim as áreas de conteúdo que não foram abrangidas nas planificações anteriores.

1ª ATIVIDADE (NASCIMENTO DE JESUS)

Ao refletir

Fundamentação pedagógica

Esta história facilita a abordagem do Natal e dos valores inerentes a esta quadra, através da exploração das vivências e tradições de cada criança. Com ela podem surgir abordagens espontâneas, como a de uma nova estação do ano, que poderia ter desenvolvido e enriquecer os saberes e conhecimentos do grande grupo.

Assim como nas outras áreas:

Área Formação pessoal e social

- Compreender o significado de ser amigo
- Valorizar a solidariedade (ajudar os outros)
- Ter consciência de apoiar quem está só
- Consolidar o conceito de família

Área de expressão e comunicação**Exp.motora**

-Desenvolver noção de esquema corporal;
orientação espacial.

Ex. Plástica

Colar materiais diversos
para construir um presépio

Oralidade

-Aprender uma canção natalícia.
- conhecer vocabulário novo.

Abordagem à leitura e à escrita

-Fazer pequenos grafismo

Matemática

-Estabelecer relações
- Ordenar sequências temporais
- Desenvolver a orientação espacial.

Área do conhecimento do Mundo

- Conhecer as estações do ano: o inverno
- Explorar a magia das tradições natalícias
- Conhecer profissões: compreender a importância do carpinteiro

2ª ATIVIDADE (A LAGARTINHA COMILONA)

Ao refletir

Fundamentação pedagógica

Esta atividade teve como objetivo privilegiar momentos afetivos entre adulto/criança e entre criança/criança, momentos de partilha de conhecimentos e de aprendizagem, promover o sentido crítico, transmitir-lhes o gosto pelas histórias e pelo conhecimento do mundo. Todos estes pontos acima mencionados são essenciais para um desenvolvimento equilibrado da criança e organização do pensamento. Neste âmbito poderia propor uma exploração da história de uma forma muito mais alargada, a proposta desta atividade poderia ter sido rapidamente ligada ao desenvolvimento de outros conteúdos.

Área Formação pessoal e social

-Desenvolver os sentidos visual, olfativo e tátil.

(Poderia ter proposto fazer uma exploração sensorial, nomeadamente ao nível do tato, do olfato e paladar, levando os frutos reais)

-Compreender as vantagens de uma alimentação saudável

Área de expressão e comunicação**Ex.motora**

-Explorar movimentos corporais ao som de uma música.

Ex.Musical

-

Oralidade

-saber descrever ações e ordená-las sequencialmente;
compreender a sequência de uma história.

-conhecer palavras novas;
aumentar o vocabulário.

Matemática

- Identificar as diferentes formas de exploração dos conteúdos matemáticos: classificações, ordenações, seriações, conceitos temporais, de grandeza e quantidade, contagens.

Área do conhecimento do Mundo

- Aprender criativamente questões ligadas ao ciclo da borboleta

- Identificar a borboleta depois da metamorfose

3ª ATIVIDADE (VAMOS À CAÇA DO URSO)

Ao reflectir

Fundamentação pedagógica

Com esta atividade a minha principal intenção era a incidência do domínio da matemática. Esta sequência pedagógica serviu para a consolidação de alguns conceitos matemáticos assim como: sequências temporais; alguns conceitos fundamentais como frio/quente, alto/baixo, claro/escuro.

Numa proposta mais alargada poderia propor outras atividades privilegiando outras áreas.

Área Formação pessoal e social

- Compreender a composição de uma família: pai, mãe, filhos
- Desenvolver o espírito de equipa
- Reconhecer as interações em grupo
- Compreender noções de consistência: duro/mole

Área de expressão e comunicação

Ex.promotora/dramática	Oralidade	Matemática
<ul style="list-style-type: none"> -Coordenar os movimentos dos membros superiores e inferiores. -Dramatizar a história 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber descrever imagens -saber utilizar vários tons de voz para concretizarem as ações da história 	<ul style="list-style-type: none"> -Desenvolver noções temporais-estabelecer a relação antes/depois ao longo do percurso, onde começa e acaba a ação.

Área do conhecimento do Mundo

- Conhecer onomatopeias e sons produzidos por animais.
- desenvolver aspectos ecológicos ligados à protecção dos animais
 - Conhecer os diferentes tipos de habitat dos animais.
 - Conhecer aspetos e características de alguns animais.

A reflexão feita permite que eu possa verificar que mesmo tendo em conta as características das crianças a que estas atividades eram dirigidas alguns conteúdos mais eram possíveis de serem trabalhados tendo como suporte os mesmos contos.

A descrição feita possibilita a resposta de uma das minhas questões de investigação pois não é apenas durante o planeamento que se faz das atividades a propor que se encontram todas as possibilidades de os usar adequadamente. Muitas vezes a reflexão feita quer sobre como decorreu a atividade quer sobre o contributo que as crianças lhe acrescem é um meio excelente de explorar todo o leque de conteúdos que direta ou indiretamente os contos podem trabalhar.

Quanto às outras questões de investigação, a análise dos planeamentos permite ver que apenas em três contos se podem abordar conteúdos de muitas áreas/domínios. São uma fonte inesgotável de possibilidades uma vez mais adequando ao conto, ao trabalho que se aborda com as crianças e às suas necessidades, características e gostos.

Por último parece relevante apontar que é efetivamente muito abrangente a panóplia de conteúdos que a exploração de um conto permite. Essa abrangência nasce da magia que os contos encerram que permitem uma abordagem sempre bem aceite pelas crianças pois parece não haver criança alguma que não goste de ouvir uma história. Este facto permite ao educador usá-los como estratégia, antes de mais, do captar da atenção dos seus alunos.

6.– Considerações Finais

Este relatório apresenta o trabalho que desenvolvi na prática de ensino supervisionada, em Educação Pré-Escolar. A vivência de estágio é de suma importância para um futuro educador no sentido de observar o comportamento e o quotidiano dos profissionais de educação, assim como conciliar os conhecimentos teóricos e aplicá-los à prática vivenciada.

Através de todo o conhecimento adquirido vão-se desenvolvendo novas estratégias para justificar a prática pedagógica, ajudando, a possibilidade de detetar aspetos que devem ser melhorados.

Em relação às competências que o educador deve destacar na sua prática profissional, considero que foi indispensável adotar uma postura constante investigação, planificação e reflexão para dar prosseguimento ao trabalho exigido.

Todos os conhecimentos que o educador obtém através da reflexão na e sobre a ação, contribui para o seu desenvolvimento. O educador por um lado tem uma postura de pesquisador e, por outro, desenvolve o pensamento reflexivo.

Segundo Alarcão (1996,p.17) “ a reflexão sobre a reflexão, processo que leva o profissional a progredir no seu desenvolvimento”

Tendo em conta o objetivo deste relatório, e partindo do princípio que contar histórias é considerado uma ferramenta pedagógica na formação do carácter social e intelectual da criança, pretendia com este trabalho compreender e explicar a sua importância no contexto Pré-escolar e como os contos podem contribuir para uma melhor articulação de conteúdos de diferentes áreas.

Conseguí assim através das planificações implementadas, justificar a importância de contar histórias, é fundamental para o desenvolvimento intelectual das crianças, desperta a sua imaginação, a compreensão e o interesse pela leitura. Toda esta

pesquisa permitiu-me adquirir conhecimento para futuras intervenções, dado que houve da parte do grupo uma grande aceitação com aprendizagens muito significativas.

Referências bibliográficas

Abramovich, F.(1995). Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo : Scipione.

Abilio E. C., Mattos M. (2003) letramento e leitura da literatura. Brasília: MEC, secretaria de educação à distância; Leitura da literatura: as narrativas da tradição.

Afonso, N. (2005). Investigação Naturalista em Educação: um guia prático e crítico. Lisboa: Edições Asa.

Albuquerque, F. (2000). A hora do conto. Lisboa: Editorial Teorema.

Arends, R. (1995). Aprender a ensinar. Amadora: McGraw-Hill.

Azevedo, M. (2006). Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares. Editora: Universidade Católica.

Bastos, G. (1999). Literatura Infantil e Juvenil, Lisboa: Universidade Aberta.

Barreto, Garcia (1998), Literatura para crianças e jovens em Portugal, Campo das Letras, Editores, S. A.

Bettelheim, Bruno (1996). A Psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

Decreto-Lei nº 115 A/98 de 4 de Maio, (Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básicos e secundário, bem como dos respetivos agrupamentos);

Costa, Jorge A. (1992), “Gestão Escolar-Participação, Autonomia, Projeto Educativo da Escola”, Lisboa, Texto Editora;

Guimarães e Sá, Domingos, A Literatura Infantil em Portugal. Braga. Edição da Editorial Franciscana.

Katz, L. G. & Chard, S. (1997). A Abordagem de Projecto na Educação de Infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Labojo, Marisa, Zilberman, Regina (1999). Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias. 6ª Ed. São Paulo: Ática.

Papalia, D.E.; Olds, S.W.; Feldman, R.D. (2001) O mundo da criança 8ª edição. Mc Graw Hill

Pessanha, A. (2001). Actividade Lúdica Associada à Literacia: Prática Pedagógica -9. Ministério da Educação.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2005). Manual de Investigação em Ciências Sociais: (4ª ed). Lisboa: Gradiva Editora.

Ramos, A. (2005). Infância e Literatura: contributos para uma leitura da narrativa infantil contemporânea, in Viana, F; Coquet, E; Martins, M. (2005)) Leitura, Literatura infantil e ilustração – 5 Edições Almedina.

Rocha, N. (1984). Breve história da literatura para crianças em Portugal. ICALP.3ª

RODARI, Gianni, (2006) *Gramática da Fantasia*, Introdução À Arte De Contar Histórias, Editorial Caminho, SA, Lx. 6ªed.

Schiller, P.; Rossano, J. (1990) Guia curricular, Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

Silva, I. et al. (1997). Orientação Curriculares para a Educação Pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-escolar.

Silva, V. (1981). Nótula sobre o conceito de Literatura infantil in Domingos Guimarães

Sim-Sim, I. (2007). O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos. Lisboa: Direcção

Smole, K.C.S. (2000). A matemática na educação infantil. A teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: Artmed

Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.

Tahan, malba(1961). A arte de contar histórias. Ed. Rio de janeiro: Conquista.

Zabalza, M. A. (2000). Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Porto: Edições ASA.

Zilberman regina & lajolo Marisa (1985). A formação da leitura no brasil, Editora Ática.

ANEXOS

IMAGEM DA CAPA	TITULO E AUTOR	RESUMO
	<p>Título: O nascimento de Jesus</p>	<p>Uma linda história de amor, cujo fruto foi Jesus.</p> <p>Os progenitores Maria e José percorreram vários Km para se poderem recensear, e Maria acaba por dar à luz o Salvador, num humilde estábulo em Belém (Jerusalém).</p>
	<p>Título: A lagarta muito comilona.</p> <p>Autor e ilustrador: Eric Carle</p> <p>Tradução: Ana Aires e Isabelle Buratti</p> <p>Editores: Kalandraka</p>	<p>À luz da lua, um pequenino ovo descansava numa folha. Num domingo de manhã o sol quente chegou e PLOC!</p> <p>De dentro do ovo saiu uma lagartinha magra e esfomeada.</p>
	<p>Título: Vamos à caça do urso</p> <p>Autor: Michael Rosen</p> <p>Ilustrador: Helen Oxenbury</p> <p>Editores: Caminho</p>	<p>Nunca é fácil ir à caça do urso, como depressa descobrem os cinco potenciais caçadores desta história (incluindo um bebé, mas sem contar com o cão). Está um belo dia, e eles vão dizendo que não têm medo, enquanto atravessam um campo de erva alta e ondulante, cruzam um rio fundo e frio, se arrastam através da lama pegajosa, procuram o caminho pelo meio de uma floresta, passam através de um nevão que rodopia e entram pé-ante-pé numa caverna soturna. Aqui, na escuridão, tudo parece diferente... E qual é a coisa temível que aparece diante deles?</p>

Escola superior de educadores de infância Maria ulrich

PLANIFICAÇÃO:

REPRESENTAÇÃO DE UMA HISTÓRIA EM FLANELÓGRAFO

Isabel Maria Nunes de Sousa Gouveia

Relatório realizado na Unidade Curricular
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

4º Ano P.L. Turma H

Docente: Prof. Cecília Moreira

Ano letivo 2013/2014

Escola superior de educadores de infância Maria Ulrich

PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE

Identificação da Atividade O quê?	História contada em flanelógrafo “O nascimento de Jesus”
Finalidade Intencionalidade Educativa Qual a intenção?	Desenvolver a participação ativa e direta Desenvolver o espírito criativo Desenvolver a capacidade de expressão de sentimentos e medos. Desenvolver a destreza manual. Proporcionar o contato com as diversas maneiras de contar, recontar e criar uma história.
Participantes Com quem? Crianças/Adultos – Quantos	Esta atividade é para ser realizada com 25 crianças, acompanhadas por dois adultos. (educadora e estagiária)
Procedimento Como? 1. Como lançar a atividade? 2. Como orientar no decorrer da ação? 3. Como acabar a atividade e passar à ação seguinte?	1- Em grande grupo, no tapete da sala, no princípio da manhã, irei lançar a atividade do dia. 2- Após o lançamento, o grupo será orientado no espaço onde irá decorrer a ação. 3- Todas as crianças participarão na construção da história. 4- No final, irei propor uma atividade, que consiste em, as crianças criarem a sua própria história.
Material Que material? Estimar que quantidade?	-flanelógrafo -Cavalete -Personagens em cartolina Maria, José, Jesus 3 Reis Magos 1 Camelo 1 Vaca 4 Ovelhas
Tempo Quando? Duração/Indicar hora	Esta atividade será implementada no dia de de 2014, durante o período da manhã, entre as 10.00h e as 10.45; logo após a marcação das presenças no placard existente na sala.
Espaço Onde?	A atividade desenrolar-se-á na sala.

Escola superior de educadores de infância Maria Ulrich

Intencionalidade

Ao propor esta atividade em grande grupo, o meu objetivo era poder exemplificar diferentes formas de contar histórias, proporcionar ao grande grupo uma diversidade de atividades de que gostem de forma a assegurar a sua participação entusiástica, processos mais dinâmicos e progressivos de aprendizagem em pequenas etapas.” A representação dramática traz muitas vantagens para as crianças de tenra idade” (Rossano, J.; Schiller, P. (1990)

O meu objetivo era poder obter uma maior atenção por parte das crianças e por mais tempo. Com deste “brinquedo” as crianças podem falar através dos personagens, como se estivessem na sua retaguarda “ facilitando a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos” (Silva et al., 1997). Onde pudessem vivenciar os seus medos, onde podem contar ou recontar as suas próprias histórias “ Assim falar dos acontecimentos passados constitui uma boa preparação para a literacia. (C. Peterson & McCab, 1994; E Reese, 1995, citado em “O mundo da criança” (2001, p.327))

Esta atividade é a melhor, se não das melhores formas da criança dar largas a sua imaginação, como a sua inserção em cenários que ela própria imagina.

Acho também importante lançar a atividade como uma proposta, pois as atividades devem ser sempre conversadas primeiro com as crianças, para saber se estas estão interessadas ou se pode ser uma coisa que irão gostar de realizar; e não colocando as atividades como impostas ou por obrigação, pois estas podem não suscitar interesse às mesmas.

Escola superior de educadores de infância Maria Ulrich

AVALIAÇÃO

Apesar de ter planeado esta atividade para o dia 02 de Dezembro, fiz a apresentação do flanelógrafo três dias antes.

No dia 29 do mês de Novembro levei comigo para a sala a estrutura de apoio para a minha atividade, o flanelógrafo que eu tanto estimo pois foi totalmente construído por mim a pensar em algo que cativasse a atenção das crianças.

Comecei por pendurar o flanelógrafo numa das paredes da sala sem fazer qualquer comentário ou explicação, sendo um “objeto” completamente desconhecido, houve da parte das crianças uma aceitação sem qualquer tipo de questões. Respeitei todo aquele silêncio sobre o objeto novo em sala, até ao momento de nos reunirmos em grande grupo.

Logo após a arrumação da sala, pedi que se sentassem no tapete para podermos dar os bons dias aos colegas e fazer a marcação das presenças.

Logo após este, momento apresentei o meu flanelógrafo, e disse: “hoje trouxe um brinquedo meu para a nossa sala” M. respondeu.” Mas tu não podes ter brinquedos” ao que eu respondi “ai posso, posso eu também gosto de brincar” foi uma risota geral. De seguida expliquei que tinha feito este brinquedo na minha escola, e que servia para contar histórias, e passei a explicar como se fazia. Comecei por lhes mostrar algumas figuras feitas pelas crianças do grupo onde eu fiz o meu estágio do 2ºano, demonstrando como teriam de fazer para as colocar no flanelógrafo. De seguida perguntei-lhes se queriam experimentar.

Acho que deste modo consegui despertar a curiosidade em quase todos os elementos do grupo. De seguida combinei com todo o grupo que só poderiam brincar 3 ou 4 meninos de cada vez, porque o flanelógrafo não era assim tão grande, e para que pudessem brincar à vontade não poderiam estar muitos de uma só vez, e que não se preocupassem porque eu iria deixar o meu brinquedo lá na sala para que todos brincassem à vontade e quando quisessem.

Escola superior de educadores de infância Maria Ulrich

Terminada a explicação decidimos quem seriam os primeiros a experimentar esta nova atração, a escolha foi feita aleatoriamente por mim.

Quase todos tiveram oportunidade de colar e descolar as imagens com mais ou menos imaginação foram inventando pequenos diálogos entre as personagens disponíveis.

Depois desta breve introdução passarei então à descrição da atividade do dia.

No início da manhã quando o grupo estava todo reunido no tapete da sala, fiz o lançamento da atividade, com uma pequena proposta.

Foi nesta altura que perguntei, e se nós contássemos a história do menino Jesus com o apoio do flanelógrafo?

A ideia foi bem aceite por parte de todos. Ao qual eu disse “ então têm que me ajudar, porque eu sozinha não consigo. M.S. “eu ajudo”, pondo-se logo de pé, ao qual eu respondi,” boa M. S. obrigada”

“ Primeiro temos que virar o nosso tapete para o flanelógrafo, para que todos possam ver bem”

Todos se levantaram sem grande agitação, ajudaram a pôr o tapete direito em frente ao flanelógrafo, de seguida sentaram-se.

Num momento seguinte disse “ agora eu vou contar a história, e vocês vão ajudar-me a colocar as personagens no flanelógrafo”

E comecei por esconder todas as personagens no meu colo, só ia mostrando consoante os personagens iam entrando em cena.

“Era uma vez...”

Escola superior de educadores de infância Maria ulrich

Conforme a história ia decorrendo os personagens iam aparecendo, como se de magia se tratasse, o que prendeu o interesse e a atenção de todos talvez pelo facto dos personagens poderem movimentarem-se como eles quisessem, enquanto a história se desenrolava as crianças vinham vindo colocar as figuras respetivas da cena.

Por fim quando acabei de contar a história todos disseram “ outra vez...” o que me deixou bastante satisfeita, pois era sinal que tinha conseguido algo que é muito importante para a criança, o prazer pela dramatização.

Após este momento sugeri que agora fossem eles a contar a história, e eu iria sentar-me no tapete, “o que acham?” perguntei eu.

Algumas das crianças prontificaram-se logo, depois de uma breve escolha de quem iria, lá conseguimos chegar a um acordo.

Eu sugeri que as crianças não participantes na história contada por mim o fizessem agora nesta segunda “dramatização”, no qual eles concordaram.

À medida que cada criança ia dando um mote de diálogo ia colocando as figuras no flanelografo, o que lhes estimulava bastante a imaginação, outro dos meus objetivos ao implementar esta atividade.

Todas as crianças tiveram oportunidade de participar.

Quando terminaram de recontar a história, expliquei-lhes que teríamos de arrumar os nossos personagens na caixa que fiz propositadamente para os guardar, mas que ficariam disponíveis para brincarem quando assim o entendessem, coloquei a caixa no chão junto ao flanelógrafo e disse-lhes que seria aquele o local onde deveria ficar, para que todos tivessem um fácil acesso.

Por fim procedemos à arrumação da sala, para fazer a higiene habitual antes das refeições

Escola superior de educadores de infância Maria ulrich

BIBLIOGRAFIA

Formosinho, J.; Lino, D; Nisa, S. (2007). Modelos curriculares para a educação de Infância. 3ª Edição. Porto editora.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2011) Educar a criança. 5ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian.

Papalia, D.; Olds, S.; Feldman, R. (2001) O mundo da criança 8ª edição. Mc Graw Hill

Schiller, P.; Rossano, J. (1990) Guia curricular, Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

Educação, M. (1997) Orientações curriculares para a educação pré-escolar

Brazelton, T. (1992) O grande livro da criança. Editorial Presença

Webgrafia

<http://grupo3tics-aspedagogas.blogspot.pt/2011/12/flanelografo.html>.

Acedido a: 24 de Novembro 2013

<http://www.tecnologiaetreinamento.com.br/educacao/educacao-infantil-educacao/curso-historias-de-flanelografo/> .

Acedido a:24 de Novembro de 201

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

PLANIFICAÇÃO:

PROJEÇÃO

(A LAGARTINHA COMILONA)

Isabel Maria Nunes de Sousa Gouveia

Relatório realizado na Unidade Curricular

Mestrado EPE Turma H

Docente: Prof. Cecília Moreira

Ano letivo 2013/2014

Identificação da Atividade O quê?	- Projeção de uma história (A lagartinha comilona)
Finalidade Intencionalidade Educativa Qual a intenção?	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver a expressão do Oral <ul style="list-style-type: none"> .Escutar .Dialogar ○ Fluidez mental <ul style="list-style-type: none"> . Interpretar . Relacionar
Participantes Com quem? Crianças/Adultos – Quantos	Esta atividade é para ser realizada com 25 crianças, acompanhadas por dois adultos. (educadora e estagiária)
Procedimento Como? 4. Como lançar a atividade? 5. Como orientar no decorrer da ação? 6. Como acabar a atividade e passar à ação seguinte?	- Orientar as crianças para que se sentem de modo a terem uma boa visibilidade da projeção. (sentadas as mais altas atrás, ficando as mais baixas à frente) -Criar algumas expectativas quanto à história que vou contar -Contar a história e apelar à participação das crianças - No final da apresentação, pedir para que as crianças façam o reconto da história
Material Que material? Estimar que quantidade?	- Portátil - Projetor de vídeo -Pene
Tempo Quando? Duração/Indicar hora	Esta atividade será implementada no dia 21 de Janeiro de 2014, durante o período da manhã, entre as 10.00h e as 10.45; logo após a marcação das presenças no placard existente na sala.
Espaço Onde? Indicar local referenciado.	A atividade desenrolar-se-á na sala

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Intencionalidade

A minha escolha recaiu sobre esta atividade porque o impacto de mostrar em Power Point é maior porque as crianças gostam e estão com mais atenção.

O livro é sem dúvida uma fonte de conhecimento que nos pode oferecer uma visão acerca do mundo que nos rodeia e também nos pode ensinar valores essenciais à vida, seja ele em suporte de papel ou em Power Point.

De acordo com (Silva, 1997, p.70), O modo como o educador lê para as suas crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler. Deste modo, o educador desempenha um papel muito importante na estimulação do gosto pela leitura por parte da criança. Ainda de acordo com (Silva, 1997) o educador poderá recorrer através de diversas estratégias de leitura para suscitar o interesse da criança pelo livro e consequentemente pelo gosto da leitura.

A aprendizagem da leitura e escrita é um processo contínuo cujo sucesso é determinado em grande medida pela ação intencional de educadores e pais.

Descrição da Situação

No princípio da manhã, e logo após a marcação das presenças, fiz o lançamento da atividade. A disposição das crianças no espaço foi escolhida pelo facto de terem que visualizar o PowerPoint.” A maneira como o espaço é gerido tem efeitos cognitivos e emocionais importantes para os alunos”. (Arends, 1995, pág. 85) Porém, se repetir a atividade para uma outra história era um dos procedimentos que mudaria, apesar do espaço ser pequeno. Estou de acordo com o mesmo autor quando afirma que, “Embora os professores não controlem a quantidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de ação no diz respeito à sua gestão”. (pág. 85)

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Comecei por dizer que tinha trazido uma história para lhes contar, mas hoje seria diferente, criei uma certa expectativa...ao optar por este procedimento, tive em consideração a capacidade imaginativa característica desta faixa etária. De fato para Brazelton e Greenspan (2003) “Um dos pontos de referência dos 3 anos é a imaginação. Com a capacidade que tem para usar os símbolos, a criança agora desenvolve uma imaginação viva e activa. Representa mentalmente aspectos do mundo e das suas relações com os outros. E como agora tem capacidade de gerar ideias separadas das suas experiências, começa a usar a fantasia para a ajudar a dar sentido a um mundo complexo. (p. 241)

Após este momento de muita euforia, mostrei o livro em suporte de papel e disse que seria aquela a história elegida para a nossa hora do conto, e como tinha prometido iria ser contada de maneira diferente, ao qual o M. perguntou “ então como vais contar? Bem eu hoje pensei em vermos esta história “ A lagarta comilona” projetada na parede, como vimos no outro dia a história do S. Martinho. O que acham? “ Boa.....” Então vou pedir ajuda a alguns meninos para fecharem as janelas, ao qual houve logo alguns (muitos) que se prontificaram, tive que usar algum critério de escolha, explicando que para a próxima seriam outros a ajudar.

Depois de tudo montado, liguei o computador onde na imagem apareceu a capa da história.

Perguntei “ então o que vêm na imagem”?

Optei por este procedimento tendo em conta que a leitura das imagens é um excelente meio para o desenvolvimento da linguagem oral, nesta faixa etária. Efetuei a leitura através de um trabalho prévio com as crianças, sobre alguns aspetos para textuais do livro, ou seja, uma pré-leitura da história. Azevedo (2007) afirma que:

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Esta “conversa” à volta do livro/texto, além de favorecer a participação oral, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, leva os alunos com uma competência enciclopédica menos desenvolvida, a beneficiar da partilha dos comentários do grupo, alargando, assim, os seus próprios conhecimentos. (p.71)

De seguida passei à apresentação das imagens no PowerPoint de modo a proporcionar uma melhor visualização das mesmas em grande dimensão, tendo em conta a sua vantagem para o grupo. Segundo Figueiredo (2006), este recurso pode ser muito educativo, ajuda a ensinar as crianças a ler e a contar e a porem-se em contacto com ideias e experiências imaginativas. No que diz respeito às imagens de grandes dimensões, Sulzby e Teale (1996), citados por Azevedo (2006, 27), afirmam que para além do grupo ter uma perspectiva de qualidade, este é um recurso poderoso no desenvolvimento das competências da literacia.

Toda a história foi dinâmica e participativa por parte de todas as crianças, houve alguns elementos que se deliciavam somente a ver as imagens.

No final da apresentação pedi para que me fizessem o reconto da história, “ouvir histórias e recontá-las permite desenvolver a organização do discurso, a (re) construção das narrativas, a apropriação de elementos narrativos importantes como encadeamento da ação, descrição de momentos-chave, descrição de personagens, etc. A vertente lúdica associada aos momentos de conto e reconto potencia os resultados. A atividade lúdica é determinada por um conjunto de fatores importantes” (Pessanha, 2001):

O reconto foi feito com alguns atropelos, pois todos queriam falar, e principalmente pediam para voltar a ver as imagens

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Avaliação

Esta atividade correu de uma forma calma, dinâmica e bem conseguida, pois já tinha realizado algumas outras como de um treino se tratasse, o momento foi de empatia, entre mim e as crianças, o que acho muito importante para o desenvolvimento de qualquer atividade e da própria aprendizagem, nomeadamente por se tratar de crianças nos seus primeiros anos de vida. “ A aprendizagem mais importante nos primeiros anos é proporcionada pela interação humana. Não tem comparação com os objetos e os utensílios usados para a aprendizagem” (Brazelton e Greenspan, 2003, pág. 28-29) A UNESCO confirma que “ a educação é também um grito de amor e de afeto” de facto senti-me à vontade com esta atividade e penso que se reflectiu na maneira como as crianças interagiram. Os conteúdos que abordei, as diferentes estratégias e os materiais utilizados, a meu ver, foram adequados ao grupo e houve muita aprendizagem.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

BIBLIOGRAFIA

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Amadora: McGraw-Hill.

Azevedo, M. (2006). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*. Editora: Universidade Católica.

Brazelton, T. B., Greenspan, S. I. (2003). *A Criança e o seu Mundo – Requisitos Essenciais para o Crescimento e Aprendizagem*. (4ª edição).
Lisboa: Editorial Presença.

Pessanha, A. (2001). *Actividade Lúdica Associada à Literacia: Prática Pedagógica -9*.
Ministério da Educação.

Silva, M. I. (1997). *Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar*. Lisboa:
Ministério da Educação.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

PLANIFICAÇÃO:

HISTÓRIA VAMOS À CAÇAR O URSO

Isabel Maria Nunes de Sousa Gouveia

Relatório realizado na Unidade Curricular

MESTRADO EPE Turma H

Docente: Prof. Cecília Moreira

Ano letivo 2013/2014

<p>Identificação da Atividade O quê?</p>	<p>- História: <i>Vamos à caça do urso</i></p> <p>. Resumo: A história <i>Vamos à caça do urso</i> é uma história sobre uma família que vai à caça de um urso e para o apanharem têm de atravessar vários campos/obstáculos. Como não podem passar por cima dos obstáculos e não podem passar por baixo, têm de os atravessar! É uma história muito divertida sobre o percurso que uma família faz e para realçar esta dinâmica, o autor recorre a uma dinâmica de progressão crescente e depois decrescente, no regresso a casa, quando vêm a fugir do urso</p>
<p>Finalidade Intencionalidade Educativa Qual a intenção?</p>	<p>Este grupo de crianças gosta muito de ouvir histórias, e interessam-se bastante pela leitura. A história: <i>Vamos à caça do urso</i>, tem como objetivo promover o gosto pela leitura, a concentração e desenvolver noções de padrões (repetição).</p> <p>Durante a história não serão colocadas perguntas às crianças, o objetivo é que elas possam desfrutar e ter contacto com uma dinâmica crescente e decrescente na história e para isso, é importante que a história seja contada de forma ininterrupta, no entanto, se alguma criança questionar algo, eu explicarei e darei importância à questão da criança.</p>
<p>Participantes Com quem? Crianças/Adultos – Quantos</p>	<p>Esta atividade é para ser realizada com 25 crianças, acompanhadas por dois adultos. (educadora e estagiária)</p>
<p>Procedimento Como?</p> <p>7. Como lançar a atividade?</p> <p>8. Como orientar no decorrer da ação?</p> <p>9. Como acabar a atividade e passar à ação seguinte?</p>	<p>1- Quando todas as crianças houverem chegado, eu começarei a cantar uma canção cuja letra incentiva as crianças a sentarem-se no tapete, para ouvirem a história. Quando todas as crianças estiverem sentadas em “U” no tapete, colocarei uma cadeira em frente ao grupo e sentar-me-ei, de forma que todas as crianças possam ver o livro e as imagens e darei início à leitura da história.</p>

	<p>2- Aquando da leitura da história, darei uma maior entoação nas partes da história onde há um padrão de repetição: “Vamos à caça do urso! Vamos caçar um dos grandes! Que belo dia, não temos medo! (...) Não podemos passar por cima, não podemos passar por baixo... Oh não! Temos de a atravessar!” e no final da história, quando a família acha o urso e tem de fugir dele, lerei a história com uma entoação mais rápida e ofegante, para dar a ideia de estarem a correr para fugir do urso.</p> <p>Quando chegar ao fim da história, lerei a última frase e darei a entoação de alívio, dizendo: “ufa, não voltamos a ir à caça do urso...” e desta forma, termina a história. A atividade seguinte é a continuação de trabalhos inacabados. Assim, direi às crianças que podem ir brincar nas áreas da sala que quiserem.</p>
Material Que material? Estimar que quantidade?	Livro: <i>Vamos à caça do urso</i>
Tempo Quando? Duração/Indicar hora	No final da marcação das presenças, entre as 9h45 e as 10h. Duração: 15 minutos
Espaço Onde? Indicar local referenciado.	Na sala, no tapete, sentados em “U”, de forma a poderem ver bem as imagens do livro. Cada criança escolhe onde se quer sentar.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

As histórias são algo que acompanha o ser humano desde muito cedo, ouvir histórias faz parte do imaginário das crianças, elas tem a capacidade de absorver qualquer história que lhes seja contada, seja por quem for.

Um dos objetivos para as crianças até aos dois anos, é que comecem a ter noção de alguns padrões matemáticos, tais como a repetição. As histórias podem ser utilizadas como um instrumento através do qual se podem trabalhar vários padrões, tais como os de repetição, crescimento, etc. “O desenvolvimento do raciocínio lógico supõe ainda a oportunidade de encontrar e estabelecer padrões (...) estes padrões podem ser repetitivos (...) apresentar padrões para que as crianças descubram a lógica subjacente ou propor que imaginem padrões, são formas de desenvolver o raciocínio lógico neste domínio.” (Silva, 1997, p. 74)

De uma forma agradável e estimulante, a criança vai desenvolvendo noções de padrões e conceitos matemáticos, enquanto desfruta de uma história. “Os bebés mais velhos e as crianças pequenas que tiveram contactos precoces com livros retiram uma grande satisfação quando lhes é lido um livro.” (Post & Hohmann, 2004, p.141)

AValiação

Ler, contar ou recontar uma história não deve ser apenas um ato simples, deve cativar e entusiasmar as crianças, sejam elas alunos, filhos ou sobrinhos. A criança tem necessidade de ouvir algo que a estimule, principalmente quando são pequenas, pois este é o primeiro contato com a leitura e a escrita, e desta forma é assim que elas criam e aumentam interesse pelas letras. De acordo com as Orientações Curriculares do Pré-Escolar (1997) “As história lidas ou contadas pelo educador (...) suscitam o desejo de aprender a ler.” (p. 70).

Faz parte do papel do educador criar estratégias que agrade aos alunos e que os cative. Justamente por isso, e por saber que são crianças que exigem algo que as motive tive a ideia de contar esta história.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

As crianças estavam muito atentas, e na terceira repetição quase todas elas começaram a tentar repetir aquilo que eu estava a dizer.

BIBLIOGRAFIA

Post, J., & Hohmann, M. (2004). Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e primeiras Aprendizagens (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Educação, M. (1997) Orientações curriculares para a educação pré-escolar